

Sobrevivências – Introdução a Obadias¹

Milton Schwantes²

Resumo:

Os conteúdos do livro de Obadias, o menor dentre os Doze Profetas, refletem a situação em Jerusalém após sua destruição em 587 aC: grupos edomitas haviam assistido à ruína da cidade e perseguido os sobreviventes. Para a interpretação, é decisivo perceber que Obadias vê (seu livro é uma “visão”) a realidade de seus dias a partir dos fugitivos, aqueles cuja vida foi poupada em meio à ruína. Seu livro manifesta o direito à vida dos fugitivos, e nisso está na tradição de Jeremias (veja em especial Jr 37–45).

Palavras-chaves: Obadias – Edomitas – fugitivos.

Abstract

The contents of the book of Obadiah, the smallest among the Twelve Prophets, reflects the situation in Jerusalem after its destruction in 587 BCE. Edomite groups had come to the ruined city and persecuted the survivors. In order to understand the book of Obadiah, it is crucial to perceive that Obadiah sees – his book is a “vision” – the reality of his time from the perspective of the fugitives, whose life was spared in the midst of ruin.

¹ Este artigo foi publicado originalmente em RIBLA (Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana), nº35-36. Quito, Equador, RECU (Ribla Ecuador), 2000, p.167-175.

² Teólogo e pastor luterano. Graduado em teologia pela Escola Superior de Teologia (1970), São Leopoldo/RS. Doutor em Bíblia/AT pela Universidade de Heidelberg/Alemanha. Doutor *honoris causa* pela Universidade de Marburgo/Alemanha (2002). Desde 1988, é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião/Universidade Metodista de São Paulo.

The book of Obadiah argues for the right of the fugitives to live, and thereby stands in the tradition of Jeremiah (especially chaps. 37–45).

Key-words: Obadiah – Edomite – fugitives.

Introdução

O escrito é breve. No total são 21 versículos. Nesta sua brevidade, não há profeta-visionário que lhe fosse equiparável. Mas, nem por isso, os problemas que se referem à sua interpretação são poucos. Diz-se, por aí, por exemplo, que Obadiah é nacionalista, por isso representaria antes um problema que uma mensagem. Será?

Sugiro que nos aproximemos do visionário a partir de seu local na seqüência dos Doze Profetas Menores.

1. Obadiah entre Amós e Jonas

O livro de Amós termina, em Am 9,11-15, celebrando a esperança davídica: “restaurá-lo-ei como fora nos dias de outrora” (v. 11). Um dos conteúdos desta expectativa se refere a Edom, o tema de Obadiah[1]: “para que [a tenda de Davi] possua/herde o resto de Edom” (v. 12). O verbo “herdar”/“possuir” também está em Ob 19, onde tem Esaú como objeto. Poder-se-ia, pois, entender Obadiah como livro que propõe, à moda nacionalista, a ocupação de Esaú/Edom. No entanto, não necessariamente é este o laço que melhor conecta Obadiah a Amós. Poderia ver-se melhor vinculação com Amós à luz de Am 9,7 ou de Am 1–2 ou ainda de 3,1-2: Israel – na qualidade de elite e de estado explorador – não leva grandes vantagens em relação a outras nações. Neste caso, o que se diz de Israel (em Amós), diz-se de Edom (em Obadiah).

Permanece, pois, a pergunta: por que Obadias foi colocado, na Bíblia Hebraica (na Septuaginta é diferente!), justamente após Amós?

Jonas segue a Obadias. Outro vizinho aparentemente estranho: Jonas celebra marinheiros, reunidos dentre muitas nações (cap.1), e os habitantes de Nínive (cap. 3–4) como gente estrangeira muito aberta à profecia, em todo caso muito mais que o próprio profeta Jonas.

Por que Jonas precede justamente o livro de Obadias? Seria Obadias um contraponto a Amós e a Jonas?

2. Um livro feito de livros?

Chama a atenção – e acima já o indiquei – que trechos de Obadias também se encontram em outros profetas. Há estudos específicos a respeito de detalhes destas semelhanças entre Obadias e outros livros proféticos. Recomendo verificar este aspecto de Obadias nos comentários a respeito do livro.

Aqui me restrinjo a mencionar duas semelhanças.

Primeiro. A primeira unidade do livro de Obdias (v. 1-15) é muito semelhante a um trecho do livro de Jeremias! Ob 1-4 é paralelo a Jr 49,14-16; e Ob 5, a Jr 49,9. Há também diferenças, mas estas não são muitas. Além dessa grande proximidade entre trechos de Ob 1-5 a versículos de Jeremias 49, existem ainda outros conteúdos similares entre Ob 1-15 e Jr 49,7-22. Uma comparação mais exata entre estes dois textos – Ob 1-15 e Jr 49,7-22 – indica que Obadias não depende literariamente de Jeremias. Parece que Obadias profetizou a seu modo sobre profecias antiedomitas de seu tempo. Deu sua versão da profecia anti-Edom assemelhando-se ao que outros profetas diziam em seus tempos.

Segundo. Ob 15a é idêntico a Joel 4,2.14: “eis que está próximo o dia de Adonai contra todas as nações”. Aliás, existem outras tantas semelhanças de Obadias com Joel. Na Septuaginta, Joel inclusive precede a Obadias!

Tais semelhanças entre os livros dos profetas são, até certo ponto, típicas na literatura profética. Pois, para os colecionadores as palavras dos diferentes profetas eram parte de uma mesma Escritura, de um mesmo caminho da palavra de Deus. Contudo, no livro de Obadias esta tendência sobressai de modo peculiar, justamente porque seu começo (v. 1-5) pode ser reencontrado em Jeremias 49.

Na interpretação de Obadias, esta sua particularidade precisa ser levada em conta. Suas palavras ecoam em meio a palavras semelhantes. Isso, ao meu ver, já bastaria para deixar de criticá-lo como nacionalista exacerbado.

Estas similitudes com outros livros nos levam a perguntar se Obadias teria surgido, desde seu início, como literatura? Penso que não. Pois há também muitas peculiaridades em Obadias.

Por exemplo, os v. 6-14 não têm paralelos tão estreitos com outros trechos. E, em especial, há que considerar que Obadias representa uma voz a partir de uma experiência específica e impactante em Judá.

3. Época

Penso que podemos indicar uma data bastante exata para a origem de Edom. Os v. 11-14 se referem a uma experiência em um momento muito particular. Em 587 aC, Jerusalém foi conquistada pelos babilônios e destruída. Grupos edomitas, no mínimo, assistiram a este desmantelamento da cidade mais importante e simbólica para a história de Israel e de Judá. Ou soldados edomitas talvez até tenham participado da conquista da cidade, como forças auxiliares dos babilônios. Outros textos também se lembram, com dor, deste momento: Lm 4,21-22; Sl 137,7; Ez 25,12-14. A partir do século VI Edom passou a ser um temido adversário de Judá. Sabe-se, hoje, por escavações arqueológicas, que na

época Edom inclusive ocupou partes de Judá, inclusive a norte de Hebrom. Ao mesmo tempo em que Judá se esvaía, Edom crescia. Obadias situa-se neste contexto.

Considero relevante ler Obadias à luz desta situação concreta, porque, na Bíblia Hebraica, também há outras memórias sobre a relação de Israel/Judá com Edom (veja por exemplo Gênesis 25–36). Obadias não quer ser a única palavra sobre Edom, mas somente uma, em um momento bem determinado.

Os v. 11-14 chegam a indicar conhecimentos bem específicos a respeito da atuação de edomitas em Jerusalém. Estas referências aos acontecimentos de 587 não são genéricas, mas detalhadas e ambientadas:

11No dia, em que, estando tu presente...
no dia, em que estranhos levaram sua força,
e estrangeiros entraram por suas portas
e lançaram sorte sobre Jerusalém,
aí, tu, em especial, eras como um deles.

14Não te deverias ter parado nos caminhos de fuga,
para exterminar seus fugitivos.
Não deverias ter entregue seus foragidos,
no dia da angústia (Ob 11.14).

Este é o contexto do livro. As imagens vivas do massacre da população de Jerusalém em 587. Esta experiência clamava por palavras proféticas. Elas estão em Obadias e, como vimos, em várias outras passagens. A visão de Obadias convive com estas diversas vozes (por exemplo Jeremias 49) que deram expressão à indignação contra Babilônia (veja Isaías 46–47) e Edom, um irmão que “aniquilou sua compaixão” (Am 1,11).

Qual é a palavra de Obadias, quando o livro é lido à luz desta hora e de nossas horas, hoje.

4. Fugitivo

Obadias assemelha-se a uma página esquecida. Tente-se a passar por seus conteúdos sem grandes proveitos. É como se fosse poço de cuja água não se bebe. Por isso, parece-me oportuno tentar apontar para algumas possibilidades de leitura.

Primeiro. Livrar-se de Obadias, porque seria promotor de nacionalismo, não deixa de ser uma possibilidade de leitura. Mas leio-a justamente em livros oriundos de países de fronteiras fechadas para o assim chamado terceiro mundo. É estranho que o nacionalismo pareça ruim justamente para quem se fecha em seu país, protegendo suas próprias fronteiras com cercas, cães e com sofisticada tecnologia.

Neste contexto, proponho pensar na possibilidade de entender Obadias como visão – é este o título do livro “visão” – que forja auto-estima. Israel/norte fora destroçado em 722 a.C. E Judá estava prestes a sumir em 587 aC. Para que a vida continuasse, era preciso defender-se, sobreviver. Ora, Obadias é parte da cultura de sobrevivência de gente derrotada.

Quando povos se debatem pela sobrevivência, valem-se de recursos inusitados. A história de nações indígenas tem suas peripécias a contar a respeito. Pessoas submetidas à escravidão têm muito a dizer sobre a luta sob as mais radicais condições de aniquilamento. Ora, os jerosolimitanos e judaítas de 587 aC eram muito diferentes? Não. Pelo contrário, estavam sendo reduzidos a lamúria e a pó (veja Lamentações).

Minorias vencidas valem-se, por vezes, de linguagem forte, dura, combativa, para fazerem-se presentes, para não sucumbirem, para não serem exterminadas. Obadias é uma destas falas.

Não representa nacionalismo, mas é cultura de sobrevivência de quem está pelo chão.

Segundo. Obadias segue a Amós. Portanto, este nosso livreto não questiona a destruição havida em seu próprio povo. No caso, não se queixa da destruição de Jerusalém como tal. Não pretende, pois, voltar atrás e negar as palavras dos visionários que lhe antecederam e que anunciaram o fim para as elites e os exércitos, primeiro, de Israel e, depois, de Judá. Samaria e Jerusalém estão em ruínas porque suas elites senhoriais exploraram os pobres, porque se venderam aos estrangeiros, porque neles, como em Edom, “não há entendimento” (v. 7, veja v. 8).

E, de fato, se a gente verifica por que Edom cairá em ruínas, então se vê que as razões de seu fracasso são idênticas às que os profetas mencionam para explicar por que os poderosos de Israel e Judá cairão aos pedaços. Edom sucumbirá, porque desrespeita sua ‘pequenez’ (v. 2). Vai à guerra contra as “nações” (v. 1). E nisso atesta sua falta de sabedoria (v. 7-8). Confia em seus “tesouros escondidos” (v. 6), na soberba de seu “coração”, isto é, concretamente confia em sua estratégia de defesa militar, pois está escondida entre os montes (v. 3). Entende-se como “águia” inatingível (v. 4), segura e bem protegida por seus sistemas de alianças militares (v. 7). Enfim, Edom tem seus “valentes” (v. 9), seus giborim, seus machões, que em guerra nenhum perderão!

Mas, esta riqueza e fortaleza desabam. Pois não passam de arrogância inflada, de inchaço de falas inúteis, de “boca grande” (v. 12).

Tudo isso que Obadias diz de Edom outros profetas, em especial Amós, seu vizinho, diz de Israel, e Jonas, a seu modo, diz de Judá. Lido isoladamente Obadias poderia parecer antiedomita; lido no contexto da profecia, ele é avesso ao senhorio, aos “valentes”/exército, aos que aumentam seus espaços pela “boca grande”.

Terceiro. Não é, pois, a Jerusalém ou a seu templo que Obadias defende. Para eles vale o que Hulda já dissera: “trarei males sobre este lugar” (2Rs 22,16), o que Jeremias já decretara: “um covil de salteadores” (7,10). O ponto de vista de Obadias não são o templo, Jerusalém ou Judá.

O ponto de vista de Obadias é o do “fugitivo”! Na interpretação de Obadias, a gente precisa estar bem atenta a este aspecto. Esta é minha proposta.

Já mencionei acima que os v. 1-4 correm paralelos a Jeremias 49,14-16. O v. 5, contudo, está em Jr 49,9. Em Jeremias 49, o v. 5 precede, pois, aos que são paralelos aos v. 1-4. Isso pode ser acaso. Mas, talvez também se deve ao conteúdo do v. 5. Ora, este versículo acentua que ladrões e vindimadores deixam sobras. No seguimento, o que segue ao v. 6 insiste em que, em Edom, não haverá sobra. Portanto, o v. 5 foi, por assim dizer, ‘antecipado’ para trazer à tona o tema da sobra, e para afirmar que, no caso de Edom, não haverá sobra! Lido à luz do v. 5, este já é o acento do v. 4: nem a água, por mais inatingível que pareça, escapará. Os bens, inclusive os escondidos, serão rebuscados (v. 6). Dentre os valentes “cada um” (v. 9) será exterminado. Haverá armadilha para cada pé que queira fugir (v. 7). O v. 18 como que resume esta ênfase de negar algum resto a Edom: “não haverá um fugitivo para a casa de Esaú”. Este extermínio será, conforme o v. 10, “para sempre”. Não há sobra nem em quantidade nem em temporalidade.

Estas afirmações radicais sobre Edom são conseqüência de uma ação anterior. O v. 15, no centro do livro, afirma: “como tu fizeste, assim se fará contigo”. O que vai, volta.

Ora, Edom havia justamente perseguido as sobras de Jerusalém em 587. Esta é a denúncia do livro. A “violência” contra o irmão Jacó (v. 10) consiste, principalmente, daquilo que Edom fez nas “encruzilhadas” (tradução de Almeida) ou, mais exatamente, de acordo ao hebraico, “nos locais de fuga” (v. 14). Lá Edom se posicionou para destruir “fugitivos” e entregar “foragidos”. O v. 14 contém esta que é a principal denúncia contra Edom. Participou do extermínio e da captura de pessoas. A captura de fugitivos aparentemente tinha a função de vendê-los como escravos (veja Amós 1,6). Em minha opinião, quem se esquece deste foco precípua do livro de Obadias, tende a desfocá-lo.

Também a esperança, contida no livro tem este conceito do “fugitivo” como núcleo.

Quarto. O livro postula esperança. E esta tem no “fugitivo” seu ponto de partida. Aquele que fora, na primeira parte do livro, o foco da denúncia, passa a ser em sua segunda parte foco de futuro.

O v. 17 retoma exatamente o mesmo conceito do “fugitivo” para a partir dele formular esperança: “haverá local fuga”/livramento. No hebraico, os termos do v. 14 (pelitim “fugitivos” são retomados no v. 17 (“lugar de fuga” peletah).

Quando o v. 20 se refere aos “exilados dos filhos de Israel” e dos “exilados de Jerusalém”, e quando o v. 21 se refere aos “libertadores”, então estes não são outros do que aqueles “fugitivos”) (v. 14), aqueles do “lugar da fuga” (v. 17). Desta gente ‘pequena’ (veja v. 2) que, à semelhança de Baruque ficou com vida em meio à ruína (Jr 45), arranca a esperança de futuro. Lógico, estes versículos, que se referem ao futuro (v. 15-21), em parte, possivelmente já foram formulados, bem depois de 587, à luz de experiências diversas da comunidade de Sião e de Judá.

Nestes tempos posteriores, não só era decisivo acolher fugitivos e deportados no Sião (v. 17), mas principalmente retomar a herança da terra. O assunto principal nos v. 17-21 é a posse da terra. O exílio a havia feito cair em mãos de povos vizinhos, inclusive e talvez em especial na mão de edomitas. A profecia celebra, pois, a retomada desta terra.

Epicentro da utopia é “o monte de Sião” como espaço do fugitivo, dos deportados. O Sião como que enquadra as esperanças no v. 17 e no v. 21. Lá o “reinado será para Deus”, como conclui o livro (v. 21).

E há esperanças para Edom?

Jacó parecia eliminado, quando se caçaram seus foragidos (v. 14). Contudo, houve quem se acolhesse, porque para “o monte Sião”. Para lá também se dirigiram os deportados. Dentre os fugitivos, que grupos edomitas trataram de eliminar, houve muitos que escaparam. E dos edomitas, que o livro de Obadias parece querer eliminar a todos (v. 18), para sempre (v. 10), deles haverá quem sobre?

Ainda que o livro não o dissesse, a Bíblia como um todo o diz. Veja por exemplo Gênesis 36!

Mas, também o livro de Obadias nem tem em mente o Edom como uma quantia de pessoas, mas antes se refere ao Edom conquanto impiedosos valentões e matadores. Destes nenhum resta, com qualidade de futuro, como conteúdo de utopia. Pois, tais ‘valentões’ nem mesmo são filhos do exemplar Esaú, irmão que soube perdoar ao irmão (Gênesis 33).

Neste espírito talvez nem convenha traduzir o v. 21 como usualmente se faz: os libertadores estarão no Sião “para julgar/dominar a montanha de Esaú”. O verbo hebraico, que se tende traduzir por “julgar”, mais precisamente poderia ser traduzido por “para defender a montanha de Esaú”. No contexto da Bíblia prefiro esta tradução.

Bibliografia

ALONSO SCHOEKEL, Luis e SICRE DIAZ, José Luis. Profetas II – Ezequiel, Doze profetas menores, Daniel, Baruc e Carta de Jeremias. São Paulo, Edições Paulinas, 1991, 724 p.

BEAUCAMP, Evode. Los profetas de Israel. Estella, Verbo Divino, 278 p.

BEN ZVI, Ehud. A Historical-Critical Study of the Book of Obadiah. Berlin, Walter de Gruyter, 1996 (Beihefte zur Zeitschrift fuer die alttestamentliche Wissenschaft, 242).

BOGGIO, Giovanni. Joel, Baruc, Abdias, Ageu, Zacarias, Malaquias – Os últimos profetas. São Paulo, Paulus, 1995, 152 p.

DIETRICH, Walter. “Obadja”, Theologische Realenzyklopaedie, 24. Berlin, Walter de Gruyter (1994) 715-720.

HERNÁNDEZ CARDONA, Lucia Victoria e JIMÉNEZ GÓMEZ, Humberto. Profetas, Medellín, Universidad de Antioquia, 1992, 312 p.

KLASENER, Valdir. “O livro de Obadias”, Vox Concordiana, 7. São Paulo (1991) 25-37.

OGDEN, Graham S. “Prophetic Oracles Against Foreign Nations and Psalms of Communal Lament – The Relationship of Psalm 137 to Jeremiah 49,7-22 and Obadiah”. Journal for the Studies of the Old Testament, 24 (1982) 89-97.

SCHART, Aaron. Die Entstehung des Zwoelfprophetenbuchs – Neubearbeitungen von Amos im Rahmen schriftenebergreifender Redaktionsprozesse. Berlin, Walter de Gruyter, 1998, 342 p. (Beihefte zur Zeitschrift fuer die alttestamentliche Wissenschaft, 260).

SIVATTE, Rafael de. “Crítica profética a los imperialismos y a la religión nacionalista de Israel”. Christus. México (1990) 81-91.

WOLFF, Hans Walter. Dodekapropheten 3 – Obadja und Jona. Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1977, 159 p. (Biblischer Kommentar Altes Testament, 14/3).

XAVIER, Josué. “Obadias – Vingança justificada”. A semente. São Paulo (1990) 71-74.